

UMA LIBERDADE FRUSTRADA: JUDEUS E CRISTÃOS NOVOS NAS COLÔNIAS HOLANDEASAS

DANIELA LEVY

Neste artigo, pretendo me concentrar nos mitos que foram construídos sobre os judeus por um sentimento de intolerância e discriminação. Segundo o título do texto, trata-se do drama vivido pelos judeus, que após a ocupação holandesa no Brasil, sonharam com liberdade e tolerância, mostrarei que a errância que começou em Portugal em 1497– continuou no Novo Mundo.

O primeiro mito, o qual vou me referir, diz respeito à aversão de judeus e cristãos novos ao trabalho agrícola; o segundo sobre a participação judaica no tráfico de escravos e o terceiro, sobre a questão da “tolerância” e convivência entre judeus, católicos e calvinistas em terras ocupadas pelos holandeses.

O velho mito de que os judeus tinham aversão ao trabalho agrícola foi desmentido no Brasil no século XVII como foi desmentido em Israel no século XX. Os sefaradis portugueses no Brasil – século XVI – construíram um território altamente produtivo . Como no século XX, em Israel, os judeus plantaram e construíram um Nação desenvolvida .¹

A colonização brasileira foi uma colonização agrícola, os primeiros cristãos novos que se estabeleceram no Brasil foram elementos fundamentais para o desenvolvimento dessa economia agrária, sendo em grande parte responsáveis pelo primeiro impulso econômico do Brasil e pela introdução da cana de açúcar , fator primordial no enriquecimento português, trazendo a tecnologia que haviam desenvolvido na Ilha da Madeira e São Tomé (ilha

1 François Fontette. *História do anti-semitismo*. (Trad.)Rio de Janeiro, Zahar, 1989, p.34.

Julio José Chiavenato. *O inimigo eleito – os judeus, o poder e o anti-semitismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p.14

povoada por degredados judeus no século XV, onde a cultura da cana de açúcar foi desenvolvida em larga escala pelos sefaraditas).²

Durante a ocupação holandesa, os judeus que chegavam de Amsterdam, realmente dedicavam-se mais às atividades comerciais, mas os cristãos novos que viviam no Brasil há várias gerações trabalhavam na terra, com seus escravos e até com suas esposas e filhos, passando a ser grandes proprietários, senhores de engenho, ou pequenos lavradores que plantavam tabaco, mandioca para fazer farinha, batata, hortas e pomares, criavam animais como carneiros e galinhas.³

Na colônia holandesa do nordeste brasileiro, o mito da aversão dos judeus à agricultura foi reforçado pelo anti-judaísmo, o que não correspondia a realidade histórica, os judeus provaram isso em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba onde se tornaram importantes proprietários de terras. Esses dados são comprovados quando analisamos os processos inquisitoriais, e notamos a grande quantidade de terras confiscadas de cristãos novos, em todos esses estados brasileiros.⁴

- 2 Arnold Wizniter . *Os judeus no Brasil colonial*. Trad. Olívia Krahenbuhl, São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1966, p.4-9. Stuart Schwartz. *Segredos Internos – engenhos e escravos na sociedade colonial*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.3. Israel, Jonathan.”The Jews of Dutch Americas” in *The Jews and the Expansion of Europe to the West, 1450 to 1800*. Paolo Bernardini and Norman Fiering, editors. (European Expansion and Global Interaction, number 2.) New York: Berghahn Books, New York, 2001. pp.335-349
- 3 Wiznitzer, op. cit. pp 7-9; Ernst Pijning, “New Christians as Sugar Cultivators and Traders in the Portuguese Atlantic, 1450–1800” in *The Jews and the Expansion of Europe to the West, 1450 to 1800*. Paolo Bernardini and Norman Fiering, editors. (European Expansion and Global Interaction, number 2.) New York: Berghahn Books. 2001 pp. 485-500 James Boyaeian, “New Christians and the Jews in the Sugar trade, 1550-1750: Two Centuries of Development of the Atlantic Economy”, in *The Jews and the Expansion of Europe to the West, 1450 to 1800*. Paolo Bernardini and Norman Fiering, editors (European Expansion and Global Interaction, number 2.) New York: Berghahn Books. 2001.p 480.
- 4 Processo da Inquisição de Lisboa- Ana Maria Correa- n. 1381; Ana de Paredes-n. 4944; Ana Rodrigues- n. 9101 in Gorenstein, Lina. *A Inquisição contra as mulheres- Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII*. Ed. Humanitas: FAPESP, São Paulo, 2005. pp. 460-461.

Os judeus e o “Mito do tráfico de escravos

A questão dos judeus como introdutores da escravidão na América tem sido discutida em jornais e livros.⁵ Nos EUA principalmente, preconceitos e anti semitismo tem levado fundamentalistas americanos a assegurar que cabe aos judeus a responsabilidade pela introdução da escravidão no Novo Mundo. Em julho de 1991 o presidente do departamento de estudos afro americanos do City College da Universidade da Cidade de Nova York , escreveu um artigo onde afirma ter identificado os judeus como os principais financiadores e organizadores do comércio Atlântico de escravos⁶.

No Brasil foi publicado um livro sobre “ Os Magnatas do tráfico Negroiro” de autoria de José Gonçalves Salvador, o autor menciona que cristãos novos eram os principais traficantes de escravos no Brasil.⁷ Suas conclusões são apoiadas somente em nomes comuns entre os cristãos novos. Nenhum documento comprova essa afirmação. Além disso, alegar uma origem judaica baseando-se no nome, leva a prováveis enganos e confusões, uma vez que grande parte dos cristãos novos receberam os nomes dos padrinhos cristãos velhos.

Temos uma fonte, até alguns anos atrás inédita, que revela uma realidade que em muito pode contradizer as tendências alegadas contra os judeus . Essa fonte, são os inventários dos bens que constam dos processos inquisitoriais dos cristãos novos brasileiros processados pela Inquisição e que foram pesquisados e publicados por Anita Novinsky⁸. Nesses 129

5 Seymour Drescher, “Jews and New Christians in the Atlantic Slave in *The Jews and the Expansion of Europe to the West, 1450 to 1800*. Paolo Bernardini and Norman Fiering, editors (European Expansion and Global Interaction, number 2.) New York: Berghahn Books. 2001, pp.440-470. Drescher, Seymour.*From Slavery to Freedom: Comparative Studies in the Rise and Fall of Atlantic Slavery*. New York University Press, 1999 pp 339- 354.

6 Jeffries, Leonard. *Speech made on July 20at the Empire state Black Arts and Cultural Festival in Albany*. Publicado pelo New York Post ” An account of a vitriolic anti-Semitism and Racist Speech”. Agosto, 1991

7 Salvador, José Gonçalves. *Os Magnatas do Tráfico Negroiro*, Ed. Pioneira/ EDUSP-1981,SP p.4 “Com grande surpresa chegamos à conclusão de que os judeus ibéricos foram os principais detentores do comércio negroiro, e mais: que um clã, ligado por interesses econômicos, quando não também por laços sanguíneos, o explorou largamente.”

8 Novinsky, Anita. *Inquisição – Inventários de bens confiscados a cristãos novos*. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Livraria Camões, 1976 pp.154-158

inventários do século XVIII, conseguimos identificar um cristão novo, José da Costa, proprietário de navio que trazia negros de Angola, era sócio de Francisco Xavier Teixeira que chegou a ser governador de Angola, e outros dois cristãos novos, Tomás Pinto Corrêa e Antônio Cardozo Porto que aparecem como tendo transportado escravos uma ou duas vezes, não eram traficantes regulares, nem proprietários de navios. Dentre os 126 inventários restantes, haviam alguns comerciantes de escravos, isto é, aguardavam nos portos a chegada das frotas, compravam os africanos e os distribuíam pela colônia.⁹ Anita Novinsky ressalta a grande diferença entre o traficante e o comerciante, o traficante possuía navio, capturava africanos ou negociava com intermediários e os trazia da África para serem vendidos como escravos. O comerciante comprava uma mercadoria, como era visto o escravo na época, e a revendia para os interessados.¹⁰

Durante a ocupação holandesa no Brasil, havia a necessidade de um grande número de escravos para o trabalho na lavoura e nos engenhos de açúcar. A participação judaica, no estado em que se encontram as pesquisas, podemos dizer que ficou restrita à negociação dos escravos que chegavam à colônia. Os lotes de escravos eram arrebatados em leilões e depois revendidos aos fazendeiros.

Segundo documentos da época, os escravos preferiam trabalhar para senhores judeus do que para católicos ou holandeses, pois os judeus lhes davam dois dias de descanso por semana, o Sábado e o Domingo, enquanto que os católicos só o Domingo, e dos holandeses não recebiam para nenhum dia de descanso.¹¹

É importante considerar que o tráfico de escravos era um monopólio de agências governamentais e os cristãos novos, durante a União Ibérica, foram proibidos pelo governo espanhol de participar dessa atividade. Nesse período a Espanha detinha o monopólio da entrega de escravos nas colônias espanholas e portuguesas, decorrente do acordo entre os dois governos.¹²

Na segunda metade do século XVII, com o monopólio do tráfico detido

9 Novinsky, Anita. *Inquisição – Inventários de bens confiscados a cristãos novos*. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Livraria Camões, 1976 pp.181, 246

10 Novinsky, Anita. *Ser marrano em Minas Colonial*. Revista brasileira de história, nº 40. Vol. 21. ANPUH- Humanitas. São Paulo. p. 167

11 Wiznitzer, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1966.p. 62

12 Drescher, Seymour, op. cit p. 447

pela Companhia das Índias Ocidentais, os judeus obtiveram lucro do tráfico. Mesmo assim era ainda uma participação pequena, pois participavam passivamente, como acionistas da Companhia .¹³

Só poderemos dar uma resposta definitiva sobre a questão dos judeus como traficantes de escravos na América , quando forem pesquisados em profundidade todos os arquivos coloniais .

As Hostilidades – A difícil convivência entre católicos, protestantes e judeus

Agora falaremos sobre o “tolerante” período holandês, o terceiro mito que consta na historiografia, referente à colaboração dos cristãos novos na invasão holandesa e sobre a tranquila convivência entre católicos, judeus e protestantes.¹⁴

Sobre o auxílio dos cristãos novos aos holandeses durante a invasão, os trabalhos de Anita Novinky nos mostram que , muitos cristãos novos lutaram até à morte para defender o território lusitano dos protestantes reformados . Mateus Lopes Franco, Diogo Ulhoa, Domingos Alvarez de Serpa, etc., cristãos novos ilustres da capital baiana participaram de um plano do governador para socorrer a capitania da Bahia durante a ocupação de 1630, lutando lado a lado com os portugueses além de fornecer armas e dinheiro.¹⁵

Documentos da época, como os inquéritos realizados pela igreja católica, para verificar os nomes das pessoas que haviam deserddado para o

13 Wiznitzer, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1966. pp 63-64

14 Entre os autores que compartilham essa opinião estão: Robert Southey, *Historia do Brasil(Rio de Janeiro, 1862)* vol II, p. 148: “por intermédio dos judeus estabelecidos no Brasil, se colheram todas as informações necessárias”. Accioli-B. Amaral, *Memórias históricas e Políticas da Bahia, (Bahia, 1925)*, vol II, p. 40 “os holandeses haviam sido avisados por alguns judeus, habitantes da cidade, que todos os pontos susceptíveis de defeza estavam abandonados...” Antonio Domingues Ortiz “Los conversos de origem judio después de la expulsión”, in *Estudios de Historia Social de España* (Madrid, 1955), p. 333- ...“su actitud en el Brasil al producir se la invasion holandesa no puede calificarse mas que de pur traición”

15 Novinsky, Anita. *Cristãos Novos na Bahia*. Ed. Perpectiva, 2ªed. , São Paulo, 1992 pp.124-127.

inimigo durante a ocupação da Paraíba, registram que das oitenta pessoas denunciadas no documento, oito eram membros do clero católico, quarenta e oito eram cristãos velhos e somente vinte e quatro eram cristãos novos.¹⁶ Portanto a ênfase dada pela historiografia sobre a cooperação dos cristãos novos com os holandeses, é parte de um processo discriminatório e resultado do preconceito fortemente enraizado contra os judeus que foi repassado aos seus descendentes. Além disso, pessoas como o Padre Antônio Vieira, testemunha ocular da época nunca fez nenhuma menção a este fato em seus escritos.¹⁷

A relação pacífica entre católicos, calvinistas e judeus é um dos mitos construídos pela historiografia tanto holandesa, quanto portuguesa e brasileira.

O período holandês no Brasil se caracteriza pela sua relativa tolerância em relação ao resto do Brasil e à Europa. Mas não podemos deixar de entender que essa tolerância partia dos dirigentes da Companhia das Índias Ocidentais, que precisavam dos colonos judeus para suas relações comerciais, levados principalmente pela dificuldade da língua, visto que muitos judeus que chegaram de Amsterdam falavam português e holandês, ajudando assim na intermediação dos negócios.¹⁸

Mas, essa relativa tolerância era perturbada por uma hostilidade que se pronunciava em cada texto deixado pelos colonos holandeses e portugueses. Esse sentimento anti judaico não é evidente na população mais humilde, mas entre os homens da governança

As acusações eram as mais variadas. Os calvinistas diziam que os judeus eram arrogantes, faziam falcatruas no comércio além de manter relações sexuais com mulheres cristãs.¹⁹

Relatórios anuais, eram enviados aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais sobre os negócios na colônia, onde os judeus eram acusados de dominarem todo o comércio açucareiro. O fato de terem permissão das

16 Novinsky, Anita. *Cristãos Novos na Bahia*. p.122.

17 Novinsky, Anita “*A Historical Bias: The New Christians contribution of the dutch invaders of Brazil (17 Century)*” “The fifth World Congress of Jewish Studies”, 1972 p.141-154.

18 Wiznitzer. Op. cit. p. 50.

19 Calado, Frei Manoel. *O Valeroso Lucideno e o triunfo da liberdade- 1584-1654*. Recife, Fundarte. Diretoria de assuntos culturais, 1985.v.1. pp11-17; 26; .v.2.pp. 115-116; 357.

autoridades para praticar sua religião não era visto com bons olhos pelos predicantes calvinistas que consideravam as práticas judaicas, escândalo público. Esses relatórios pediam que os judeus fossem proibidos de ocuparem cargos públicos e de serem arrecadadores de impostos.²⁰

Diversas tentativas foram feitas para impedir que os judeus exercessem sua religião livremente. Em uma dessas tentativas, o Conselho Eclesiástico dos calvinistas, decidiu que as duas sinagogas deveriam ser fechadas.

A comunidade judaica do Recife reagiu, exigindo o mesmo tratamento dos calvinistas dado aos católicos e conseguiram desafiar os inimigos mantendo suas sinagogas em funcionamento.²¹

A religião praticada pelos judeus serviu de excelente pretexto, pois estava por trás a capacidade de um grupo de judeus que se destacava devido ao seu nível superior de conhecimento, possibilitando vantagens na concorrência econômica e em todos os cargos que ocupavam.

As reclamações dos judeus eram recorrentes. Chegaram ao ponto de pedirem que os judeus passassem a usar um distintivo de identificação, ou um chapéu vermelho, ou insígnias amarelas no peito, como ocorria em outros países da Europa, para que todos soubessem sua procedência e não deixassem enganar ou roubar.²²

Em outro relatório os judeus são chamados de filhos de Judas, mentirosos, larápios e malditos que querem se apoderar das terras brasileiras. São comparados a pestes que graçavam o Brasil.²³

Essa conduta demonstra que católicos e calvinistas não aceitavam as imposições dos diretores da Companhia e desejavam eliminar os judeus de sua convivência, o que se concretizará na expulsão após a retomada portuguesa.

Mas, a Companhia das Índias Ocidentais tinham nos judeus importantes aliados políticos, o que não acontecia com os cristãos portugueses, e por maior que fosse a pressão, havia o interesse em consolidar o comércio de importação e exportação de mercadorias.²⁴

20 Wiznitzer op. cit. pp 63-71; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana. Recife, 1996. 257-271.

21 Wiznitzer, op. cit. p. 64.

22 Wiznitzer, op. cit p.69.

23 “Dezessete Cartas de Vicente Joaquim Soler 1636-1643” in *Brasil Holandês*. Editora Index. Rio de Janeiro, 1999 pp.73-74.

24 Wiznitzer, op. cit p.54-55.

A Companhia dos holandeses enviou um governador à colônia brasileira, Maurício de Nassau que teve um papel positivo nas relações com judeus.

A atitude de Nassau foi diferente de outros líderes holandeses, chamou-lhe a atenção o crescente ódio dos negociantes cristãos aos judeus e passou a defender a convivência pacífica. Acreditava que a possibilidade de tolerância traria benefícios ao governo holandês, e o endurecimento contra judeus ou católicos só alimentaria chances de insurreição. Nassau mostrou-se vinculado aos judeus, achava que eram mais fiéis que os católicos. Temia apenas que se o governo de Portugal lhes desse liberdade religiosa, eles poderiam passar para o lado do inimigo. Algumas vezes pressionado pelos ministros calvinistas, Maurício de Nassau foi obrigado, com o intuito de apaziguar os ânimos, tomar algum partido que aparentemente pudesse parecer hostil aos judeus, mas essas medidas devem ser entendidas no contexto conflituoso desses anos.²⁵

A amizade de Nassau pelos judeus foi reconhecido pela comunidade Tzur Israel, quando em 1642, os líderes judaicos, tomando conhecimento das pretensões de João Maurício de retornar a Amsterdam, lhe ofereceram uma quantia anual, enquanto durasse seu governo, para que ele permanecesse no Brasil.²⁶

O anti judaísmo da região nordestina chegou ao extremo quando cenas de violência contra judeus evidenciaram as hostilidades dos calvinistas e católicos, como exemplo podemos citar o caso de um judeu que acusado de blasfêmia foi apedrejado e morto por uma multidão insulflada por discursos de padres e pastores.²⁷

O mais virulento ataque aos judeus no período holandês, partiu de um padre católico, Frei Manoel Calado, que deixou uma obra das mais violentas de acusações contra judeus e aproveitando-se da reclamações que corriam entre os colonos, liderou um movimento anti-judaico, que vem expresso em sua obra “O Valeroso Lucideno”.²⁸

Na sua crônica, Calado compara o período em que os holandeses tiveram

25 ver: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana. Recife, 1996. p 274.

26 Wiznitzer, op. cit p.71.

27 Wiznitzer, op. cit.75.

28 Calado, Frei Manoel. *O Valeroso Lucideno e o triunfo da liberdade- 1584-1654*. Recife, Fundarte. Diretoria de assuntos culturais, 1985.v.2 pp. 15-33.

presentes no Recife com Sodoma e Gomorra, centro de todos os pecados. Retrata o Recife antes dos holandeses, como o paraíso terrestre, e alega que com a chegada dos holandeses e consequentemente dos judeus, esse paraíso foi contaminado e o que era antes uma cidade de paz e harmonia tornou-se uma cidade amoral. Calado acusa os judeus se serem o povo que carrega em si a origem de todos os pecados, retomando a teoria do deicídio.

Entre as injúrias divulgadas pelo padre Calado, encontram-se as mesmas e repetidas acusações. Entre as calúnias que atentam contra a moral estão os crimes de estupro, fraudes e usura, que diz disseminar pela colônia. O adultério e a prática de manter relações sexuais com cristãs velhas e protestantes também é citado como hábito comum dos judeus que colocam em perigo os lares dessa comunidade. Termina dizendo que os homens da Nação não tem Fé, nem Lei, nem Deus.

Conclusão

A saída dos judeus de Pernambuco após a expulsão, ainda é um capítulo pouco conhecido, e tem despertado enorme interesse entre historiadores norte americanos.

A guerra, a fome e o desmoronamento da vida comunitária levou muitos judeus a optarem novamente pelo exílio e partir em busca da tão ansiada liberdade. Um grupo de vinte e três judeus, depois de enormes perigos e vicissitudes, conseguiu chegar a Nova Amsterdã, hoje Nova York. Sobre essa chegada e a organização de sua nova comunidade, existem várias lacunas. Há uma grande dificuldade para a comprovação dos nomes dos vinte e três sefarditas, visto que cada um adotava sempre mais de um nome. Comprovadamente temos os nomes das pessoas que de alguma forma se destacaram, ou estiveram envolvidas em causas jurídicas. Outra grande dificuldade é com relação ao desenvolvimento da vida comunitária nos anos seguintes.

O que as nossas pesquisas vem demonstrando é que esses primeiros anos estiveram repletos de desafios, mais uma vez tiveram que enfrentar a discriminação, dessa vez por parte do governador da colônia Peter Stuyvesant e dos ministros calvinistas. Sua luta pela permanência foi intensa, só após intervenção da Companhia das Índias Ocidentais é que o governador foi

obrigado a conceder licença para seu estabelecimento. Após dias esperando nas margens do rio, com os poucos objetos que lhes restaram, ainda tiveram que vendê-los para pagar suas passagens ao capitão do navio e só então puderam entrar na colônia.²⁹

As dificuldades não cessaram, não lhes foi concedido o direito à propriedade, o direito ao comércio, principal atividade econômica da região, não tiveram acesso a nenhum outro direito civil garantido ao restante dos cidadãos .

Sua luta foi extenuante, e aos poucos foram conquistando pequenos espaços, como o direito de participar da milícia local e não ter que pagar um imposto por ser excluído dessa função, o de participar do comércio, de possuírem seu próprio abatedouro de animais (por ser realizado de acordos com os ritos judaicos) e o de adquirirem propriedades, como um terreno onde seria construído o cemitério judaico.³⁰ Dessa forma essa comunidade foi se organizando e sua luta colaborando para a construção da primeira nação realmente democrática do mundo.

O anti judaísmo e os mitos criados para justifica-lo entremeou toda a história dos judeus no Novo Mundo, dos século XVI, XVII até o século XX. Resta aos historiadores avançar nos estudos coloniais e resgatar este longo fenômeno anti semita, cujos danos sentimos até os dias de hoje .

29 Willians, James Homer. "An Atlantic Perspective on the Jewish struggle for rights and opportunities in Brazil , New Netherland and New York" in *The Jews and the Expansion of Europe to the West 1450-1800*. Paolo Bernardini and Norman Fiering (eds.)Ed. Bergham Books, New York,2001, pp.369-393.

Marcos, Jacob Rader. *The Colonial American Jew*. Hebrew Union College Jewish Institute of Religion. Wayne State. University Press, Detroit,1970 pp.215-243.

30 POOL, David de Sola and Tamar de Sola. *An Old Faith in the New World: Portrait of Shearith Israel 1654-1954*. New York: Columbia University Press,1955 p. 157; Marcus, op. cit. vol. II p.1019.